# Capítulo XI — Continuação do precedente

A alteração da sua forma, a perda dos seus encantos e da sua popularidade, é apenas o menor dano que o paganismo clássico fez à literatura moderna: viciou-a profundamente no seu espírito. De espiritualista que era, tornou-a sensualista. Ouçamos a história. É verdade que, no século XIV, Boccaccio levantara o estandarte conspurcado do paganismo. Tendo-se nutrido dos autores antigos, sobretudo de Homero e de Menandro, aprendera na sua escola a viver como pagão. A corrupção haurida nas suas leituras, derramou-a às golfadas nas suas obras. Mas tal era então a influência geral do espírito cristão que Boccaccio, tocado de arrependimento, queimou ele mesmo publicamente o seu *Decameron* e as suas outras obras licenciosas. Os germes funestos que semeara, mal conhecidos aquém dos montes, só se tornaram árvore e só deram frutos de morte com a chegada dos gregos a Florença.

João Argiropulo, André Láscaris, Isidoro Gaza,[1] chefes da emigração, acolhidos e cumulados de honras pelos Médicis, obtiveram licença de ensinar publicamente. Aproveitaram-na não somente para explicar, comentar, exaltar a literatura pagã, mas ainda para apaixonar todos os espíritos em seu favor. Argiropulo, tornado preceptor dos filhos de Cosme de Médicis, fê-los fanáticos das letras gregas; Gaza traduziu para o grego as principais obras dos antigos autores latinos, e para o latim os autores gregos; Láscaris, enviado várias vezes à Grécia, trouxe os manuscritos dos oradores, dos filósofos e dos poetas; de sorte que, graças aos esforços combinados desses três personagens, o amor dos pagãos ultrapassou os limites da admiração e tornou-se uma espécie de culto.

Educados na sua escola, Marsílio Ficino restaurou a filosofia pagã, Poliziano a literatura. Sob a direção de Andrônico de Tessalônica, este último, iniciado em todos os segredos das letras pagãs, só estimou e só ensinou durante toda a vida o puro paganismo. Antes dos quinze anos cantou num poema latino os jogos que, à imitação dos pagãos, os Médicis deram em Florença; traduziu para o latim os historiadores gregos; celebrou em versos líricos os louvores de Horácio, de quem fez quase um deus; compôs epigramas perfeitamente pagãos quanto ao fundo e quanto à forma; escreveu em versos italianos canções lúbricas e tragédias ao gosto pagão, que foram impressas em Florença com extremo luxo.

Não contente de corromper os seus contemporâneos, Poliziano transmitiu à posteridade o veneno do seu ensino. Fundou uma escola, onde acorreu a juventude distinta da Toscana e da Itália. Dessa escola saiu, entre outros, Maquiavel, que, tomado como os seus condiscípulos de amor e admiração pelos pagãos, compôs, em reminiscência de Luciano e de Apuleio, o *Asno de ouro*, poema obsceno, prelúdio de comédias mais obscenas que as de Plauto e de Terêncio. Entre todas distingue-se, sob esse aspecto, a que tem por título *A Mandrágora*: peça infame, que contribuiu poderosamente para a corrupção dos costumes. Do estudo dos poetas, Maquiavel passou ao

estudo dos historiadores pagãos, e sobretudo de Tito Lívio. Preferindo os seus princípios políticos e as suas doutrinas sociais aos do Evangelho, compôs o seu famoso livro *O Príncipe*, justamente chamado o código da hipocrisia, da fraude e da impiedade, porque abala todos os fundamentos da boa-fé, da virtude, da justiça e da religião entre os homens.

Poliziano formou ainda Pedro Bembo e João Della Casa, ambos helenistas e latinistas pagãos muito hábeis, mas ambos, fiéis imitadores dos seus modelos, perfeitamente corrompidos nos costumes e não menos corruptores nas obras. Um e outro choraram os seus desvios; mas nem por isso é menos verdade que lhes bastara, como aos seus condiscípulos, ter bebido na fonte do paganismo para tornarem-se a vergonha da pátria e o flagelo dos costumes públicos.[2] Tais são alguns dos frutos que o paganismo renascente produziu desde o fim do século XV.

Enquanto invadia Florença, estendia-se de perto em perto, no começo do século XVI, por todas as partes da Europa: a própria Roma sentiu a sua desastrosa influência. Ali, sob a inspiração de Pompônio Leto, grande número de espíritos se deixou tomar pela febre de que ele mesmo era devorado. Tal era o seu entusiasmo que só queria ler os autores profanos; que celebrava devotamente a festa da fundação de Roma e chegou a erguer altares a Rômulo. A consequência desse amor apaixonado do paganismo foi a que devia ser, a que será sempre: o desprezo pela religião cristã. Pompônio dizia que ela só servia para bárbaros; as Escrituras e as obras dos Padres só lhe mereciam sarcasmos: enfim, a sua vida privada era digna dos seus modelos. A impiedade e o ateísmo tornaram-se-lhe o caráter, de tal modo que se fez meter na prisão. Felizmente saiu dela para ir fazer morte cristã no hospital.

Entretanto, a febre que acendera comunicara-se à juventude. Desde a meia-noite sitiava a porta da sua escola para assistir às lições que só começavam ao raiar do dia. Como Pompônio rendera culto a Rômulo, viram-se homens animados do mesmo espírito estabelecer festas em honra de Platão e erigir santuários a Catulo. Houve um momento em que mais de cento e oitenta poetas faziam ressoar os ecos da Roma cristã com os acordes da sua lira pagã! Retardado por algum tempo pelos esforços de Inocêncio VIII, de Alexandre VI, de Adriano VI, o movimento pagão retomou o curso com maior rapidez. Já alcançara a França, onde Muret, tornado, sem mestre, discípulo fanático de Anacreonte, de Horácio, de Catulo e de Terêncio, realizara em seus costumes os ensinamentos dos seus autores de predileção: em Paris, em Toulouse, na Itália, em Veneza mesmo, passeou o escândalo e veio por fim parar em Roma. Ali arrependeu-se do imenso mal que fizera; mas, longe de diminuir, o seu amor da literatura pagã só fez crescer. A prova está nos seus *Juvenilia Carmina*, nas suas notas sobre Horácio, Catulo, Tácito, Cícero, Salústio, Aristóteles, Xenofonte: obra de toda a sua vida.

Senhora das ideias pela educação, a reação pagã devia necessariamente penetrar nos costumes públicos. A antiga Roma tivera poetas antes de ter teatros: mas os primeiros trouxeram os segundos. O mesmo se deu na época da Renascença. Os teatros, que todos os Padres da Igreja, todos os concílios, todos os sumos pontífices haviam, de uma só voz, banido das cidades cristãs, reapareceram em Florença primeiro, e depois no resto da Europa. Houve por toda parte teatros permanentes; e, o que não se via havia quinze séculos, as nações cristãs vieram ocupar em multidão os degraus desses teatros, anfiteatros, depois circos, hipódromos, aplaudindo com furor pagão espetáculos inteiramente pagãos. O que fizeram, ainda o fazem, e Deus sabe com que

proveito para os costumes públicos! Assim, no princípio, representaram-se nos palcos da Itália as comédias gregas de Aristófanes e de Menandro e as comédias latinas de Terêncio, umas e outras na sua crueza nativa. Depois, para que o povo e as mulheres pouco versados no latim pudessem tomar parte nos prazeres da representação, Maquiavel, Ariosto, mais tarde Metastasio, Casti e uma multidão de outros discípulos dos pagãos compuseram em língua vulgar peças em que respiram o sensualismo e a obscenidade dos seus modelos.

Logo as academias, os palácios dos nobres, as casas dos simples particulares ressoaram com os versos dos poetas pagãos. Já não se tinha gosto senão pelos livros da antiguidade: só eles se tornaram objeto de estudo ardente. Na mesa do sábio, na carteira do escolar, na cátedra do professor e no móvel dourado da grande dama, Virgílio tomara o lugar da Escritura, Cícero substituía são Paulo e santo Agostinho; Horácio, Davi; Plauto, Aristófanes e Catulo, as Atas dos mártires e as Vidas dos santos.

Um movimento análogo manifestou-se no resto da Europa e sobretudo na França. Os nossos maiores poetas, Corneille e Racine, repuseram no palco e apresentaram à admiração da sociedade as principais peças do teatro pagão, ou assuntos tomados do paganismo. Os Horácios e os Curiácios, César, Britânico, Ifigênia, que sei eu? Todo o mundo pagão, terrestre e olímpico, veio exibir aos olhares de um povo cristão sentimentos, ideias, afetos alheios à natureza e aos nossos costumes, e completamente opostos aos ensinamentos da nossa religião. Que há de mais sensualista que certas peças que é inútil nomear, e que fizeram verter lágrimas de arrependimento aos seus próprios autores? Que há de mais forçado, de mais feroz, de mais antissocial e de mais anticristão que esses sentimentos expressos em outras peças não menos aplaudidas:

Mas querer ao público imolar o que se ama, Apegar-se ao combate contra um outro si mesmo... Tal virtude só pertencia a nós... Roma escolheu o meu braço, nada examino, Com uma alegria tão plena e sincera Como desposei a irmã, combaterei o irmão.

Que homem, e com maior razão que cristão, não responderá com os Curiácios:

Agradeço aos deuses por não ser romano, Para conservar ainda algo de humano!

Durante o século XVIII, o teatro continuou a explorar o paganismo. Quando a mina se esgotou ou o talento faltou, compuseram-se tragédias, comédias, vaudevilles, dramas, melodramas que só tinham do paganismo o que dele é o fundo, o sensualismo. Logo a própria forma foi negligenciada, para deixar ver melhor a hedionda nudez da paixão. De queda em queda, o teatro, a literatura, a poesia chegaram às repugnantes produções de Parny, de Pigault-Lebrun, de Victor Hugo, de Scribe, de Soulié, de Eugène Sue e dos folhetinistas; é aonde chegaram!

Dessa união de todas as forças intelectuais para ressuscitar na Europa o paganismo literário, e para fazê-lo aparecer aos olhos da juventude e da sociedade resplandecente de todos os gêneros de beleza, resultou naturalmente que os Padres da Igreja, de que a Idade Média tão gloriosamente se ocupara, ficaram sepultados nos cartulários poeirentos das bibliotecas. Mal se veem traduzir, durante essa época, alguns discursos, alguns tratados desses grandes homens, cujas obras, difundidas em língua vulgar, teriam tão poderosamente contribuído para despertar a fé e proteger os costumes. Ao contrário, Cícero tem por tradutor Manuzio; Tito Lívio, Nardi; Virgílio, Caro; Ovídio,

Anguillara; e assim os outros em todo o resto da Europa.

A própria imprensa, nos Estados mais católicos, a imprensa recém-inventada, só dá as cartas de são Jerônimo e algumas outras obras cristãs, que parece editar a contragosto, ao passo que deixa às prensas de Amsterdã, de Genebra e de Basileia, dirigidas por Erasmo e pelos protestantes, o cuidado de publicar, ou antes, de corromper[3] os grandes monumentos da antiguidade cristã, as obras dos santos Padres. Assim, o primeiro livro grego impresso na Itália é a gramática grega de Constantino Láscaris, e o Píndaro in-quarto é a primeira obra que apareceu em Roma, editada à custa do famoso banqueiro Chigi. Vê-se Aldo Manúcio, príncipe dos tipógrafos italianos, deixando de lado quase todas as obras cristãs, consagrar o seu talento e a sua vida a reproduzir os autores pagãos, sobretudo Virgílio, Luciano, Horácio, Juvenal, Lucano, Cícero, Demóstenes, Homero, Sófocles. Não se diria que a arte tipográfica só fora dada aos homens para propagar o reino do paganismo? Ou antes, não parece que a imprensa preludiava, desde o nascimento, o que faria em nossos dias?

Entretanto, a invasão pagã prosseguia a sua marcha. Os modelos da antiguidade já não eram propostos apenas à admiração como o tipo do belo e a regra exclusiva do gosto: davam-nos por reguladores dos costumes, como se o Evangelho tivesse desaparecido. Não falo do ensino clássico, em que deles se serviam para formar o espírito e o coração da juventude; chego a uma prova mais direta: Erasmo a fornece. Esse príncipe dos letrados do seu século, cujo gosto dava o tom a toda a Europa, Erasmo diz com uma seriedade em que a loucura e a impiedade disputam com o ridículo:

> *Terei feito algum progresso ao envelhecer? Ignoro-o. O que sei é que jamais Cícero me agradou tanto como me agrada na velhice. Não somente a sua divina eloquência, mas ainda a sua santidade inspiram a minha alma e tornam-me melhor do que sou. Por isso não hesito em exortar a juventude a consagrar os seus belos anos, não digo a ler e reler as suas obras, mas a aprendê-las de cor. Quanto a mim, já no declínio dos meus dias, sinto-me feliz e orgulhoso de entrar de novo em graça com o meu Cícero e de renovar com ele uma antiga amizade por demasiado tempo interrompida.*[4]

Basta essa só declaração para mostrar a que ponto o fanatismo pagão se apoderara dos espíritos. Certamente, em qualquer outro tempo, um cristão, um sacerdote, um religioso (Erasmo era tudo isso) teria corado de dizer que se tornara melhor com a leitura, não do Evangelho, mas de Cícero; que no momento da morte se sentia feliz e orgulhoso de entrar em graça, não com Deus, mas com Cícero; teria corado de escrever tais loucuras a sacerdotes, a prelados romanos elevados em dignidade, se as mesmas loucuras não tivessem partidários em todos os Estados como em todas as condições.

Para que a própria juventude, seguindo o preceito de Erasmo, pudesse tornar-se mais virtuosa lendo, não a Escritura ou as obras dos Padres, mas os mestres do paganismo, compuseram-se os chamados clássicos morais. Como obra-prima do gênero, citarei o *Selectæ e profanis*, em que se apresentam os pagãos como modelos acabados das quatro virtudes cardeais: a prudência, a

justiça, a fortaleza, a temperança. Ora, esses modelos não se confessavam, não comungavam, não iam à missa, não eram cristãos. Logo, o cristianismo, com as suas obrigações incômodas para as paixões, não é necessário para ser virtuoso: tal é, aos olhos da criança, a consequência inevitável de semelhante ensino. Que assim seja, e que essa consequência se haja tornado axioma na prática da vida, jamais a prova foi mais impressionante do que hoje. Qual é a filosofia dominante da época? Não é o ecletismo, o racionalismo? Essa filosofia não pretende que a religião não é mais que um pedestal, uma andadeira, um andaime que logo deve cair? Não ensina neste momento que o mundo viu uma multidão de homens célebres pela virtude e que só a filosofia formou: Pitágoras, Antístenes, Sócrates, Platão, os estoicos, Catão, Condorcet, Destutt de Tracy, Cabanis, etc.?[5] E todo o mundo, desde o que habita os salões até o que habita as choupanas, não repete em coro: Pode-se ser virtuoso sem religião!? Será permitido dizer, de passagem, que, sem o suspeitar, Fénelon conduz à mesma consequência, ao dar a Telêmaco todos os sentimentos e todas as virtudes que só o cristianismo pode inspirar?[6] O mesmo princípio nos valeu uma nuvem de outras obras, as de Berquin em particular, em que se ensina às crianças a arte de ser virtuoso sem religião; em que os sentimentos naturais, as vantagens humanas tomam o lugar dos sacramentos, dos preceitos, das promessas e das ameaças da fé.

Se fossem necessárias outras provas dessa desastrosa invasão do paganismo, acrescentaria que os letrados levaram o culto da antiguidade pagã ao ponto de já nem sequer nomear as coisas religiosas senão por nomes pagãos e de não recear conspurcar a santidade do cristianismo com as fábulas ridículas da mitologia. Bembo, nas suas cartas, faz dizer a Leão X que se tornou sumo pontífice pelos decretos dos deuses imortais: *se deorum immortalium decretis factum esse pontificem*. Alhures chama Nosso Senhor Jesus Cristo um herói, *heroem*, e a santa Virgem a deusa de Loreto, *deam Lauretanam*; a fé, a persuasão, *persuasionem*; a excomunhão, a interdição da água e do fogo, *interdictionem aquæ et ignis*. Para ele e seus semelhantes, nenhuma palavra era latina se não se achasse em Cícero. É o testemunho que lhes dá João Lami, partidário da mesma opinião.[7]

Outros chamam à augusta Maria a esperança dos deuses, *spes Deorum*; o céu, o Olimpo, *Olympum* ; o inferno, o Érebo, *Erebum*; as almas dos justos, *manes pios*; os sacerdotes, os flâmines, *flamines*; os bispos, arquiflâmines, *archiflamines*; as grandes solenidades religiosas, *lectisternia*; o sacro colégio, o senado do Lácio, *Latii senatus*; a tiara, *Romula infula*. Em vez de dizer com todos os cristãos, se Deus quiser, dizem se aprouver aos deuses, *si diis placet*. A hierarquia eclesiástica é obra dos Deuses, *vario quos ordine Divûm mancipat*; a missa, o culto sagrado dos Deuses, *sacra Deûm*; a água benta, a água lustral, *lustralibus undis*; e as imagens dos santos, os simulacros dos Deuses, *simulacra sancta Deorum*. Nada seria mais fácil do que encontrar nas obras puramente literárias uma multidão de outros exemplos desse pedantismo não menos perigoso que ridículo.

Acrescentaria, e isso se torna mais grave, que a eloquência sagrada, desdenhando a Escritura e os Padres, fonte fecunda dos seus castos ornamentos, tomou emprestadas quase todas as suas cores, os seus exemplos, os seus testemunhos à história pagã, por vezes até à mitologia. Os livros ascéticos sofreram a mesma influência. Quase cada página ofereceu, em grego e em latim, como modelos de virtude ou fiadores da verdade, os fatos, as palavras, os grandes homens do paganismo.

Acrescentaria que a poesia só tratou de assuntos, mesmo cristãos, no estilo, no metro e com os ornamentos pagãos: alguns exemplos entre mil. Sannazaro e Vida são os dois literatos mais distintos dessa época que empreenderam cantar os mistérios da religião. Ora, o primeiro, no seu poema *De Partu Virginis*, faz uma mistura ridícula, se não fosse indecente, das mais augustas verdades da fé e das ineptices da fábula.

Tudo ali está cheio de deuses e deusas, de dríades e nereidas.

O nome de Nosso Senhor Jesus Cristo não se encontra ali uma só vez.

Para cantar a santa Virgem e Nosso Senhor, o vencedor da idolatria, Sannazaro começa invocando as Musas: *O Musæ... quandoquidem genus è cœlo deducitis*. Não bastando isso, implora a santa Virgem, a quem chama a firme esperança dos homens e dos Deuses, *spes fida hominum, spes fida Deorum, alma Parens*, e de quem faz uma Deusa e a rainha dos Deuses: *Diva more, reginamque Deûm de more salutat*. O Pai eterno anuncia a intenção de repor os homens na morada dos Deuses, *Divûm potius revocentur ad oras*. O anjo Gabriel encontra a santa Virgem lendo, segundo o seu costume, não Isaías, não os salmos, mas as sibilas, *atque illi veteres de more sibyllæ in manibus*; saúda-a com o nome de Deusa e diz-lhe que nada tema, *exue, Dia, metus animo*. A notícia da encarnação chega aos infernos; então as almas dos justos, as almas de Abraão, de Isaac e de Jacó estremecem de alegria. Por quê? Porque vão deixar as margens tenebrosas do Aqueronte e cessar de ouvir os latidos de Cérbero, *quo tristia linquant Tartara, et erectis fugiant Acheronta tenebris, immanemque ululatum Tergemini canis*.

O que se segue ultrapassa toda imaginação. O poeta personifica o Jordão e faz-lhe anunciar o mistério da encarnação, o batismo de Nosso Senhor e os seus milagres. Mas por quem?... Por Proteu! *Cæruleus Proteus... hoc effudit carmine voces: Adveniet tibi, Jordanes, properantibus annis, adveniet, mi crede, inquit*.

O segundo, não menos grande mecânico de versos, só pensa, só fala por Virgílio, que sabia de cor. Bispo instruído, irrepreensível, Vida foi um dos homens postos nas condições mais favoráveis para resistir ao arrastamento do seu século. Por esse título, merece um estudo especial: a influência do paganismo sobre ele nos dá a medida, *a minima*, do que foi sobre as almas menos robustas. Ora, o sábio, grave e digno bispo de Cremona fica-nos como prova viva de que a Renascença, repudiando a herança literária dos séculos de fé, já não permitia escrever sobre nenhum assunto, grave ou frívolo, religioso ou profano, sem empregar a linguagem do paganismo, sem fazer intervir os seus homens e os seus deuses.

A sua *Poética*, escrita em centões virgilianos, só fala de Febo, das musas, do Parnaso, de Minerva. Mais vezes talvez que em qualquer autor pagão, nela se encontram os nomes dos deuses e das coisas do paganismo. No seu fanatismo, Vida chega a fazer de Virgílio uma espécie de Deus para a eloquência e para a santidade: *Verba Deo similis; nil mortale sonas. Salve, sanctissime vates*; um deus que honra, um deus a quem promete, para sempre, coroas, incenso, altares e um culto sagrado; um deus, enfim, que o poeta deve invocar. *Te colimus: tibi serta damus, tibi thura, tibi aras, et tibi rite sacrum semper dicemus honorem. Nos aspice, præsens, pectoribusque tuos castis infunde calores, adveniens pater, atque animis tete insere nostris.*[8]

O mesmo prelado compõe gravemente um poema sobre o jogo de xadrez. Guardai-vos de crer que os jogadores sejam simples mortais: reis, imperadores, personagens históricos do Oriente e do Ocidente. A partida é travada entre Apolo e Mercúrio: joga-se nas bodas do Oceano com a Terra. Júpiter é o juiz do combate; os espectadores são Vênus, Marte e Vulcano. A luta cumpre-se em meio às trapaças dos imortais e termina em vantagem dos soldados negros, que triunfam sob a inspiração de Mercúrio!

Depois de exercitar-se em assuntos literários, Vida trata de assuntos cristãos. A sua obra mais importante é a *Cristíada*. Decalque da *Eneida*, com discursos intermináveis, é o que esse poema é, quanto à ordenação geral. É são José, depois são João, que contam a Pilatos, no momento da Paixão, toda a história de Nosso Senhor. Passo sobre o anacronismo; outros verão se é permitido passar sobre a falta de naturalidade e de oportunidade que há em discursos sem fim, dirigidos a um juiz com pressa de acabar e preocupado com o tumulto que ruge na rua pedindo a morte da vítima. Venho à forma toda pagã dada a um assunto que tão pouco a comporta.

Deus Pai revela-se em todos os nomes dados a Júpiter: é o pai dos imortais, o poderoso senhor da tempestade, do trovão e da chuva, o monarca do Olimpo: *superûm sator, superûm pater nimbipotens, altisonans, imbripotens, regnator Olympi*. Nosso Senhor é constantemente um herói: o herói repreende Pedro por querer impedi-lo de morrer, *increpuit dictis quem talibus heros*; o herói caminha cercado de seus companheiros, *multis comitantibus heros... instat*; o herói, imóvel no túmulo de Lázaro, ora ao Pai, *immobilis heros orabat*; o herói, entrado no templo, vê os profanadores, *heros ingressus vidit*; o herói, chegado ao Jardim das Oliveiras, sente-se acabrunhado de penosos pensamentos, *curis confectus tristibus heros*; o herói não treme à vista dos judeus que vêm prendê-lo, *his nil trepidus compellans vocibus heros*; o herói pronuncia palavras que convertem são Pedro, *tum monitus verborum, heros quæ extrema canebat, ingemuit*; o herói morre insultado pelo mau ladrão, *ipse etiam verbis morientem heroa superbis stringebat*.

Não é somente da sua pena episcopal que Vida deixa cair a todo instante esse nome de herói para designar o Homem-Deus; põe esse nome profano nos lábios de são João. Narrando a Pilatos as ações do divino Mestre, o discípulo amado lhe diz:

> *O herói, atravessando um campo, fez secar uma figueira estéril, heros qui hac forte tenebat; o herói, levantando as mãos ao céu, liberta um possesso, heros palmas in cœlum sustulit ambas; o herói se retirara ao deserto, se clam subduxerat heros cætibus; o herói, atacado pelo demônio, revela a sua divindade, ilude todos os artifícios do inimigo: tal como um corcel, livre das rédeas, lança-se na planície e zomba dos perseguidores que o seguem de um lado e de outro: Se protinus heros ipse Deum claro confessus numine coram irrita furta dolosque exibat semper apertos. Qualis, ubi excussis per plana evasit habenis, liber equus ludit famulos hinc inde sequentes.*

É são João evangelista quem diz todas essas coisas!

Diz muitas outras. Para aprendê-las, começa por ser transportado à morada dos Deuses: *penetralia Divûm mente subit*. Voltado à terra e narrando a Pilatos o milagre da multiplicação dos pães, diz que o povo que seguia o seu mestre no deserto se achava privado havia três dias dos benefícios de Ceres: *eos tertia namque muneris expertes Cereris lux acta videbat*. Enfim, acusa as Eumênides de haverem atiçado contra ele o ódio dos judeus: *Eumenides... circumeunt... agitantque furentes*. Até o século XVI não se suspeitara que, em seus êxtases, são João tivesse aprendido mitologia; mas que suspeitavam os séculos bárbaros?

Contudo o discípulo amado não disse tudo. O poeta vai designar-nos pelos nomes, pelas formas, todos os espíritos das trevas que impeliram os judeus ao deicídio: o primeiro é o rei do Érebo; vêm depois as górgonas, depois as esfinges, seguidas dos centauros, das hidras, das quimeras. Na retaguarda marcham as cilas e as sujas harpias: *Arbiter ipse Erebi... gorgonas hi, sphingasque obsceno corpore reddunt; centaurosque, hydrasque illi, ignivomasque chimæras; centum alii scyllas, ac fædificas harpyas.* Isso é sempre bom de saber. O que não o é menos é que Madalena deve atribuir as suas faltas a Vênus e às fúrias descidas à sua alma no séquito da infame deusa: *Sensibus illapsa est Veneris malesuada cupido, quæ mentem immutans furiis subjecit iniquis.* Uma dessas fúrias tinha sete cabeças; é ela que atormentava a infeliz, e que Nosso Senhor expulsou, designando-a pelo seu nome mitológico: *Hæc Deus, hæc, inquit, capitum fædissima septem, correptam miseræ mentem vexabat Erinnys.*

O que se segue é muito mais sério. A fé nos ensina que foi Deus quem confiou a são José a guarda da santa Virgem, dando-a por esposa. Vida nos diz que é por vontade dos imortais, *ei olim alma Parens fuerat superûm concredita jussis*. Quereis saber o que é a própria santa Virgem? É uma ninfa: *Regia progenies, nymphæ dignate superbo conjugio*; a mais bela das ninfas: *nympharum pulcherrima*; é algo mais, é uma deusa: *sub pedibusque deæ lumen dare candida luna*. É em nome dos deuses que são Joaquim ordena à filha que se case, *jussa docens superûm*. É santa Ana, tornada semelhante a uma bacante, presa de um delírio sagrado e soltando uivos, que lhe designa o esposo: *In medio Anna parens, subito correpta furore, plena Deo tota, visu venerabile, in æde bacchatur, tollitque ingentem cœlo ululatum.*

A poesia da Renascença, desprezando a simplicidade do Evangelho, guarda-se bem de dizer que Nosso Senhor mudou a água em vinho nas bodas de Caná; é preciso que o relato dos milagres seja esmaltado de algumas belezas pagãs, e a água se torna o suco de Baco: *fontis aquam latices Bacchi convertit in atros*; é ainda a taça de Baco que se apresenta a Nosso Senhor na cruz: *corrupti pocula Bacchi inficiunt felle*. O pão ázimo, o pão da Eucaristia, é chamado Ceres sem mistura: *sinceram Cererem*.

Enfim, seja arrastamento poético, seja impotência para exprimir com a língua latina pagã os mistérios do cristianismo, seja enfim desejo fanático de recordar por toda parte a forma virgiliana, Vida se permite narrar nestes termos a instituição da santa Eucaristia:

> *"Já o herói toma o pão sem fermento às pressas preparado, parte-o e o reparte entre todos; depois enche uma taça de vinho e de água fresca, abençoa a*

> *mistura divina que ela contém e a apresenta espumante aos companheiros, dizendo: Esta é a verdadeira imagem do nosso corpo, a verdadeira imagem do nosso sangue, que, vítima devotada a meu Pai, derramarei sozinho por todos os homens:*

> *Jamque heros puras fruges properataque liba / Accipiens, frangensque manu, partitur in omnes: / Inde mero implevit pateram lymphaque recenti, / Et laticis mixti divum sacravit honorem / Spumantemque dedit sociis: mox talia fatur: / Corporis hæc nostri, hæc vera cruoris imago, / Unus pro cunctis quem fundam sacra parenti / Hostia. (Liv. II, v. 651.)*

> *Não quero acusar Vida de heresia; suponho que o seu verso tem um sentido ortodoxo, mas confesso não saber como provar que estas palavras: vera imago corporis, significam isto é o meu corpo. Tudo o que sei é que são Tomás fala muito diferentemente, e pode-se afirmar que jamais teria falado desse modo. Não se estaria em apuros para achar, nas expressões pagãs de Vida, muitas outras inexatidões teológicas: tão verdade é o que veremos mais adiante, que o uso da língua pagã, impotente para exprimir as verdades cristãs, é muito próprio para abrir caminho à heresia.*

> *Acrescentemos que, depois de haver, segundo a moda da época, dado um pontapé em toda a literatura dos séculos de fé, o digno bispo acaba por arrepender-se.[9] Atormentado de remorsos por ter empregado parte da vida em obras profanas, desaprova todos os erros que lhe pudessem ter escapado e pede perdão por ter consagrado às letras profanas um tempo que devia a Deus.*[10]

> *Tais são Sannazaro e Vida, os dois príncipes da poesia da Renascença. Um e outro, cristãos pelo assunto, são perfeitamente pagãos pelos raciocínios, pela ordenação, pelos meios, pelas máximas, pelo metro, pelo estilo, pela elocução; e ambos fizeram enorme gasto de espírito e de imaginação para compor elegantíssimas insipidezes. De resto, o mal não foi grande; pois é tal o tédio que inspiram as suas obras que não se pode lê-las até o fim.*

> *Todavia o seu exemplo tornou-se funesto. Uma multidão de pretensos poetas pôs mãos à obra, tanto na França como na Itália, para refazer os hinos da Igreja. Aos olhos desses vândalos de novo gênero, os hinos sagrados, que, salvo uma ou outra exceção, são obras-primas da poesia cristã, dignas dos profundos estudos e de toda a admiração dos homens de gosto, só serviam para serem jogados fora, como coisas bárbaras. Viram-nos, pois, substituir os cantos sagrados, escritos no estilo de santo Ambrósio, de são Gregório, de Inocêncio III, de são Boaventura e de são Tomás, por novas peças elaboradas no estilo e segundo o metro de Horácio. Aqui ainda Vida, precursor de Santeuil e de Coffin, movido por um zelo muito mais gramatical que episcopal, compôs, para as festas de Nosso Senhor e dos santos que se celebram no curso do ano, hinos que são verdadeiras odes de Horácio, menos a inspiração poética. À parte a escolha das palavras e a medida, nada se encontra neles de grande, de santo, de piedoso; e, ao lê-los, o coração esfria muito mais do que se aquece pelas coisas celestes.*

> *Enfim, e isso é deplorável, viram-se seculares, que até então haviam empregado os seus talentos em escrever em favor da religião; eclesiásticos, religiosos, bispos mesmo, esquecendo tanto a dignidade do seu caráter como os deveres do seu cargo, consagrar à porfia os seus talentos e as suas vigílias a explicar, comentar, anotar os autores pagãos; gastar tesouros de erudição para valorizar, como se se tratasse da Sagrada Escritura, cada uma das suas palavras; para justificar uma variante num epigrama de Marcial, numa comédia de Terêncio ou de Aristófanes; para celebrar as riquezas de um período de Cícero, ou para fazer ressaltar as infinitas belezas do Quadrupedante putrem de Virgílio e do procumbit humi bos. O que é ainda mais deplorável, viram-nos dar um exemplo, infelizmente bem seguido depois da sua época; viram-nos traduzir na íntegra as obras mais licenciosas do paganismo, e empregar muito mais tempo em cantar, em poesias fugitivas ou de longo fôlego, Júpiter, Vênus, Marte, Minerva, Apolo, Diana e sobretudo Cupido, do que em defender a religião e a sociedade, as crenças e os costumes cristãos, então tão violentamente atacados.*

> *Mas um mal talvez maior que os que acabo de assinalar foi o descrédito em que lançaram a língua e a literatura cristãs. Foi então, graças a eles, que, de uma só voz, foram chamadas bárbaras e tidas como tais. Nenhum desses homens que não proclamasse como axioma que o gênio, a eloquência, a poesia, a história, a filosofia jamais habitaram outros lugares senão o Fórum ou o Pireu; nenhum que não dissesse, com Escalígero, que preferiria ter composto a ode de Horácio Quem tu, Melpomene, semel a ser rei de França. Alguns chegaram até a um*

> *excesso de desprezo pela língua, pela poesia e pela eloquência cristãs, e de fanatismo pela língua, pela poesia e pela eloquência pagãs, que ultrapassa todos os limites conhecidos do ridículo. Citarei entre outros esse sábio religioso, esse excelente padre Maffei, que, como nos informa um dos seus confrades, pediu seriamente ao sumo pontífice permissão para rezar o breviário em grego, por medo de estragar a língua lendo o latim da Vulgata e do Breviário romano.*[11] *Se um homem de eminente piedade, se um religioso exemplar pôde chegar a tanto, julgue-se dos sentimentos de tantos outros que não tinham nem a mesma ciência nem a mesma piedade!*

> *Desse rápido esboço resulta claramente que, sob a influência do paganismo clássico, a literatura moderna perdeu o seu verdadeiro caráter, o caráter cristão e nacional; que, em vez de ser original e independente, tornou-se imitadora servil; em vez de ser produto do solo, não é senão produção artificial, sem sabor e sem força, como esses frutos exóticos que se criam nas nossas estufas; que, em vez de ser o órgão do espiritualismo, é com demasiada frequência o apóstolo degradado do sensualismo. Cessará enfim esse papel indigno? Despojará a toga antiga, sairá do mundo das sombras e das fábulas para entrar no das realidades e da fé? Deus o sabe. O que sabemos é que tudo desabou em torno do seu trono; esse trono só não pode ficar de pé em meio a tantas ruínas. É preciso que o mundo pereça, ou é preciso que esse trono desabe por sua vez, e que sobre os seus escombros se erga o trono de uma literatura nova, expressão verdadeira da sociedade devolvida a si mesma, isto é, tornada de novo católica.*

---

**Notas**

[1] N. do T.: Gaume escreve «Isidore Gaza»; trata-se, na verdade, de Teodoro Gaza (c. 1400-1475), o helenista bizantino que veio para a Itália.

[2] Ver os seus verbetes em Tiraboschi ou no *Dictionnaire biographique*.

[3] Trata-se sobretudo dos prefácios, das dissertações e das notas.

[4] *An ætatis progressu profecerim nescio. Certe nunquam mihi magis placuit Cicero quam nunc placet seni; qui non tantum ob divinam quamdam orationis vim, verum etiam ob pectoris eruditi sanctimoniam profecto meum afflavit animum meque mihi reddidit meliorem. Itaque non dubitem hortari juventutem ut in his libris evolvendis atque etiam addiscendis bonas horas collocent. Me vero etiamsi pene vergente ætate, nec pudebit, nec pigebit cum meo Cicerone redire in gratiam pristinamque familiaritatem nimium multis annis intermissam renovare. Præm. in XXII Tuscul.*

[5] Curso do Sr. Saisset, 1850.

[6] E o cavaleiro de Ramsay o louva por isso com entusiasmo! *Œuv. de Fénelon*, t. VIII, p. 47.

[7] *Puritas latinitatis nihil aliud est quam incorrupta, secundum romanam (ethnicam) consuetudinem dicendi et scribendi ratio.* [A pureza da latinidade nada mais é que o modo incorrupto de dizer e escrever segundo o uso romano (pagão).]

[8] Liv. III.

[9] *Medycum clarissima familia, cujus liberalitati et industriæ hæc ætas literas ac bonas artes, quæ plane extinctæ erant, excitatas atque reviviscentes debet, etc., etc.* [A ilustríssima família dos Médicis, à liberalidade e à indústria da qual esta idade deve as letras e as boas artes, que estavam inteiramente extintas, despertadas e revivescentes, etc., etc.] *Notand. in fin. Christiad.*

[10] *Opp.*, perto do fim.

[11] Para ser imparcial, devemos dizer que o abade Serassi, autor de uma *Vida do P. Maffei*, nega esse fato, aliás muito provável: *L'autore, dice Tiraboschi, descrive ancora le religiose virtù di cui fù adorno, e la somma attenzione con cui egli esaminava scrupolosamente ogni parola ed ogni sillaba; benchè egli creda una favola ciò che alcuni raccontano, cioè ch'egli per isfuggire il pericolo d'imbeversi del poco elegante stile del Breviario romano, avesse dal pontefice (Greg. XIII) ottenuto la facoltà di recitarlo in greco.* [O autor, diz Tiraboschi, descreve ainda as virtudes religiosas de que foi adornado e a suma atenção com que examinava escrupulosamente cada palavra e cada sílaba; embora considere uma fábula o que alguns contam, isto é, que, para fugir ao perigo de embeber-se do estilo pouco elegante do Breviário romano, tivesse obtido do pontífice (Gregório XIII) a faculdade de recitá-lo em grego.] *Stor. della letterat. ital.*, t. VII, liv. III, parte 3, p. 1014.

---

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:25 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:25 by Admin